

AS AVENTURAS DE
BENJAMIM
TORMENTA
DETETIVE DO OCULTO

The logo is a complex, white-on-black design. At the top, the words "AS AVENTURAS DE" are written in a small, sans-serif font, arched over a decorative banner. Below this, the name "BENJAMIM" is written in a large, bold, serif font, with a snake coiled around the letter 'M'. Underneath "BENJAMIM" is the word "TORMENTA" in a similar bold, serif font. At the bottom, the words "DETETIVE DO OCULTO" are written in a smaller, sans-serif font, also arched. The entire text is surrounded by intricate floral and vine-like decorations. A human skull is visible on the right side, partially obscured by the text and floral elements.

O DEUS DAS MOSCAS TEM FOME

• LUÍS CORTE REAL •

AUTORA CONVIDADA:
ANABELA NATÁRIO

IMPRESSO
em
LISBOA
MMXXI

Para a avó Bi cujo amor pela literatura passou para mim

Para o tio Vítor que fez o mesmo com a banda desenhada

*E para a Natacha, que arrastei para Arkham e Baldur's Gate,
e foi a primeira a visitar a Lisboa de Benjamim Tormenta*

ÍNDICE



<i>Introdução por Luís Filipe Silva</i>	11
A IRMANDADE DA SERPENTE VERDE	13
O DEUS DAS MOSCAS TEM FOME	35
O QUE SE ESCONDE NA CABEÇA SECA	107
O FEITICEIRO DA TORRE VELHA <i>por Anabela Natário</i>	201
A SOMBRA SOBRE EÇA DE QUEIROZ	243
O SANGUE QUE OS VELHOS BEBEM	327
<i>Agradecimentos</i>	425

INTRODUÇÃO

POR LUÍS FILIPE SILVA

Estamos perante um fenómeno único na História, não só da literatura fantástica nacional como da própria literatura portuguesa: temos finalmente o nosso detetive do oculto! Um personagem contemporâneo das invenções de Le Fanu, Blackwood, e do próprio Conan Doyle, na sua vertente mística. Habitante de finais do século XIX, numa época em que o mundo albergava ainda recantos desconhecidos, capazes de conter mistérios insondáveis para a alma humana — recantos que, hoje em dia, se encontram digitalizados e decifrados, por algoritmos talvez ainda mais inumanos que os monstros de então.

Benjamim Tormenta é o anjo caído por excelência, o protagonista imperfeito que, por não conhecer o seu passado, não controla o seu futuro, e vive cada dia em permanente luta. Ainda assim, sobrevive, navega pela rotina das horas, ajuda a sociedade portuguesa, ganha afinal o seu pão como todos nós (não há mal tão grande que não ceda lugar aos comezinhos compromissos do quotidiano). Nas suas andanças, somos conduzidos por uma viagem ao submundo lisboeta que se mostra povoado de almas penadas e gentes não menos condenadas à desgraça, revelando que algures sob a superfície, em que todos somos marionetas da vontade alheia, há quem caia vítima de jogos de poder ancestrais, desencadeando batalhas derradeiras, mesmo aqui ao lado, nas ruas que conhecemos e nas casas por onde passamos.

Tormenta é um candidato ao mítico sofredor que jamais se renderá, encontrando-se preso num incessante braço de ferro contra o ser demoníaco que o habita e de quem não se pode livrar sem correr risco de vida. Esta condição, da qual Tormenta se aproveita para lutar contra

os outros grandes males do Além, forma uma tensão permanente que atravessa os vários contos, qual quinta dimensão da narrativa, e os une, prometendo um futuro desfecho estrondoso que se encontra além do presente volume.

Luís Corte Real é uma voz que tem tardado a ouvir-se na ficção com uma obra de substância, tendo surgido muito ocasional e discretamente, com outros nomes, nas páginas que edita. Aqui, a sua voz ecoa na perfeição aquele autor que Eça nunca foi, e talvez se tivesse tornado, se menos lhe interessassem as idas e vindas provincianas do seu tempo e mais os mistérios do cosmo, que também na lusa pátria existiam. Esperemos que os leitores e o mercado estejam atentos ao acontecimento, e lhe deem a merecida aclamação. E que as produtoras audiovisuais reconheçam aqui a possível viagem a um passado de glória da nossa História recente, pois cada conto pede uma adaptação para cinema ou TV (a qual, noutros países, ninguém hesitaria em propor). A boa nova, para já, é que o presente volume representa ainda o primeiro prato de muitos que virão, ou até, quem sabe, apenas a entrada de um digníssimo manjar.



A IRMANDADE DA SERPENTE VERDE



OU O PRIMEIRO DE MUITOS
ENCONTROS COM MADAME WEI



PARA MIKE MIGNOLA QUE
SEMPRE ESCREVEU E DESENHOU
COMO SE FOSSE SÓ PARA MIM



Macau
1873

É ele, o bruxeiro — disse o capitão idoso, com as dragonas orgulhosas nos ombros azul-escuros do seu uniforme impecável, o copo esquecido na mão suspensa, os beiços húmidos encimados pelo bigode espesso. Os companheiros, todos eles oficiais, giraram para acompanhar o olhar do veterano. Acabara de entrar no salão iluminado por lampadários cristalinos, e onde as melhores famílias do território circulavam com elegância, um homem alto, vestido de negro. Deixara o chapéu de coco e as luvas com o serviçal do vestíbulo, mas mantivera o paletó e a bengala grossa com castão de prata. Trazia o cabelo mais longo do que permitia a disciplina militar; solto, chegaria aos ombros, mas ele trazia-o penteado para trás. O bigode negro e a barba curta, com alguns fios prateados, emprestavam-lhe nobreza ao rosto magro — que era de idade indefinida, como se tivesse resistido às tempestades da vida —, frio, duro e aguçado como uma moeda. Mas o que mais chamava a atenção era o brilho dos olhos cinzentos que, num instante, pareciam revelar indolência e, imediatamente a seguir, mistérios por desvendar. As senhoras no salão do palácio de Santa Sancha não ficaram indiferentes.

Erguendo os leques nervosos, rodopiando as saias de seda com foles, tules e gazes, soltaram risinhos cúmplices, todas elas concordando que aquele rosto possuía a esquadria perfeita para que um artista o reproduzisse, em mármore de Carrara, na idealização de Alexandre após a glória da Pérsia conquistada.

— É mesmo ele, o detetive do oculto? — perguntou o oficial mais novo, virando-se para o capitão, numa voz que a excitação tornou um nadinha mais alta do que desejava. — O homem de confiança de Sua Majestade, o que fala com espíritos? — Mas a sua voz sumiu quando lhe pareceu que, mesmo do outro lado do salão, o bruxeiro o ouviu e mediu com os olhos cinza.

Alexandrino António de Melo, visconde do Cercal, foi o primeiro a aproximar-se do recém-vindo, ufano da sua posição de anfitrião, consciente do quase silêncio em que mergulhara o recinto quando o bruxeiro entrara pela porta. Rebolando os seus quadris gordos e apertados nas calças cor de avelã, o colete aberto sobre a barriga sobressaliente com peitilho reluzente de botões de ouro, colocou-se em frente ao homem de negro. Este apenas dera alguns passos no soalho envernizado, mas todos os que olhavam sentiram, nesses movimentos, uma flexibilidade felina, músculos prontos e poderosos, toda uma energia e uma chama que dormiam latentes na sua postura.

— Senhor Benjamim Tormenta — disse Alexandrino, numa voz grave e ensaiando uma ligeira vénia. — É uma honra conhecer Vossa Excelência — e esticou a mão gorda, de dedos curtos, onde os anéis volumosos de ouro se tornavam ainda mais risíveis.

— A honra é minha, Sr. visconde — respondeu o detetive do oculto, num tom sereno que as senhoras aprovaram prontamente. Mais risinhos e leques agitados.

Alexandrino tomou de imediato ares de intimidade e segurou Benjamim Tormenta pelo cotovelo, encaminhando-o para as portas em arco que davam para a varanda. Da galeria coberta tinha-se uma vista esplêndida da Praia Grande; naquele momento estava banhada pela Lua esquiva que desenhava labirintos de nuvens azuladas no céu, fofas como algodão. Ao longo da linha clara que a curva da praia

desenhava, podia-se ver uma série de elegantes palácios em estilo tropical. Aqui e ali, aglomerados de rica vegetação quebravam a crueza com que o luar pintava todos os edifícios. O ar morno cheirava a peónias e a crisântemos.

Os olhos de todos os homens e mulheres da sala, colocados no seu companheiro e, conseqüentemente, na sua pessoa, faziam o visconde do Cercal inflamar-se de vaidade e os seus passinhos tornaram-se quase mais leves. — Sr. Tormenta — disse, quando chegaram à varanda. — Não pode abandonar Santa Sancha sem me dizer se é verdade o que ouvi.

Tormenta não respondeu, o seu olhar pensativo passeava pela parte chinesa de Macau. Com o dia a terminar, era um vulto escuro adormecido que começava na orla ribeirinha do Porto Interior, do pagode da Barra ao de Lin-Fông, penetrando na Rua da Alfândega, em São Lázaro, e se espriava até à colina de Mong-Há.

Alexandrino tomou o silêncio como uma aquiescência.

— Um querido amigo meu — começou, num tom conspiratório —, secretário no Conselho de Ministros, disse-me que a morte de Francisco Alberto, marido da rainha Vitória, não foi natural. Que o príncipe foi envenenado, mas por um terrível engano, pois que a peçonha havia sido preparada para o nosso D. Luís, que jantara com ele uns dias antes.

Tormenta levantou a mão para interromper o visconde, mas este aproximou mais os beiços gordos e adiantou, entusiasmado:

— Ele assegurou-me de que se Vossa Excelência não estivesse a acompanhar o infante na viagem pela Europa, este teria falecido logo ali, em Londres! Mas disse mais: que a rainha Vitória o parabenizou em público por ter evitado a morte do nosso infante, mas que, em privado, não lhe perdoou não ter feito o mesmo com o seu marido, e que agora Vossa Excelência é *persona non grata* em Londres...

— Lamentavelmente, Sr. visconde, receio não poder discutir os detalhes dos meus serviços para a Casa Real.

Alexandrino abriu os olhos em surpresa. Esperava que o detetive aproveitasse a sua curiosidade para levantar um pouco o véu, talvez vangloriar-se, ainda que circunspectamente, do papel que desempenhara.

Há mais de dez anos que as mortes sucessivas na família real portuguesa chocavam o povo e alimentavam as mais extravagantes conspirações. Mas a verdade permanecia oculta sob um manto de mistério. Apenas um nome vinha recorrentemente à superfície: Benjamim Tormenta, o detetive do oculto. *O bruxeiro*. E agora ele estava ali, o corpo colado ao seu. Tinha de insistir.

— Mas o meu excelente amigo pode ao menos confirmar que mais tarde salvou o infante Augusto? Que, se não fosse a sua intervenção, o nosso príncipe teria sido assassinado, tal como o saudoso D. Pedro e os infantes João e Fernando?

— Como disse a Vossa Excelência, obedeço a ordens diretas de Sua Majestade Fidelíssima, o rei D. Luís, quando declino falar desse caso.

O anfitrião suspirou e largou o cotovelo de Tormenta. Depois confidenciou num suspiro:

— É preciso ser-se um homem demasiadamente decoroso para, após salvar a Coroa portuguesa de maquinações estrangeiras, levar isso para o túmulo.

— Apenas um homem que faz o seu dever, Sr. visconde.

O visconde do Cercal não conseguiu esconder a ligeira irritação de homem afetado e desabitado a sofrer contrariedades.

— Pode ao menos satisfazer a minha curiosidade e dizer o que o trouxe a Macau? Diz-se que a *Bartolomeu Dias*, a corveta mista da Marinha ancorada no Porto Interior há duas semanas, veio de Goa apenas para o trazer a si, Sr. Tormenta.

— É com desgosto que também me vejo na impossibilidade de responder a essa questão, Sr. visconde.

Alexandrino não teve oportunidade de expressar novo desapontamento. Passos ligeiros, como penas de almofada, adivinharam-se, mais do que se ouviram, no lajeado da varanda. Ambos os homens se viraram e Alexandrino esboçou um sorriso rasgado que logo o fez esquecer o despeito da curiosidade não saciada. Levantando a mãozinha, disse, untuoso:

— Sr. Benjamim Tormenta, permita-me que apresente a Vossa Excelência uma distinta amiga, madame Wei Wan.

A forma como a mão papuda do visconde se acomodou na cintura da mulher, o brilho possessivo nos seus olhos porcinos, subitamente doces e ávidos, não enganaria ninguém sobre o que, na verdade, o unia a ela. Madame Wei pousou uma mão elegante no ombro dele, o dedo mindinho e o anelar cobertos por proteções de prata, semelhantes a longas garras metálicas, gravadas com a minuciosidade que só a paciência do artesão chinês permitiria. O corpo do anfitrião, ao sentir o toque, amoleceu de imediato e ajeitou-se para se aproximar do dela.

— O misterioso bruxeiro — disse a mulher china, num português quase perfeito, onde se distinguia apenas uma leve pronúncia manchú. Tinha todo o cabelo apanhado atrás, como as senhoras de distinção, entufado na forma de duas asas, junto às orelhas pequenas, e preso com um grande travessão de prata e pedras preciosas. Os seus olhos cor de mel, belos e amendoados, analisaram demoradamente o rosto de Tormenta, cruzando-se sem pudor com os olhos dele, como que desafiando-o a desviá-los. Ele não o fez; pelo contrário, examinou cada pormenor do rosto da mulher, como se procurasse algo velado.

Quem se sentiu desconfortável nesse silêncio foi o pobre Alexandrino. Passou o peso de um pé para o outro, os seus sapatos de verniz, com grandes laços de fita, hesitantes no lajedo. Acabou por perguntar se não seria melhor regressarem ao salão. Que já sentia o frio da noite.

— Rogava-lhe que fosse entrando, Sr. visconde. Eu careço de ter uma breve conversa com madame Wei — respondeu Tormenta, desviando o olhar para o grosso colar de prata, ornado com um rubi, que a mulher tinha à volta do pescoço gracioso.

O anfitrião fez um esgar chocado. Abriu a boca para verbalizar algo, mas a mulher apertou-lhe o ombro e acenou com a cabeça em direção ao salão. Ele hesitou, pesou rapidamente a humilhação que sentia com a que iria sentir se ela tivesse de verbalizar para que ele se afastasse. A prudência venceu. Esticou os braços ao longo do corpo, cerrou as mãos em punhos trémulos e regressou ao salão, cruzando-se, azedado, com dois jovens militares, de charuto na boca, que vinham para a varanda.

Tormenta apontou para umas escadas discretas de pedra e perguntou:

— Vossa Excelência importa-se que desçamos até ao jardim para beneficiarmos de um pouco mais de privacidade?

A mulher sorriu e aquiesceu. Quando desceu os degraus à frente de Tormenta, este sentiu-lhe o magnetismo pulsante das curvas do corpo magro e felino. Madame Wei usava um vestido de corte mandarim, mais curto do que os chineses, de seda vermelha justa. O seu guarda-roupa causava terrível indignação entre as senhoras cristãs aquando das formalidades oficiais da cidade. Mas ninguém ousava incomodá-la, e não apenas por ser próxima do visconde do Cercal. Madame Wei era mais do que apenas uma beleza forte, robusta, pagã, que excitava o olhar dos homens, prometendo enigmas e calor cáldo. Era também uma negociante de tudo o que havia para negociar; incluindo os corpos e os sonhos de muitas chinesinhas que faziam as delícias dos varões da comunidade portuguesa nos salões da Rua da Felicidade.

Na obscuridade do jardim, a madame acendeu um cigarro. O fósforo iluminou o seu rosto em forma de coração e os lábios entreabertos por onde se viam reflexos rosados. Na varanda alta, recortada pela claridade do salão, apareceu uma silhueta que se inclinava no gradeamento à procura de algo; era o visconde. Vendo que Tormenta e a sua amante haviam desaparecido, procurava-os, temendo traições de alcofa. Mas aquele encontro no jardim do palacete Santa Sancha tinha propósitos bem diferentes, e tanto Tormenta como Wei o sabiam. Faltava apenas ver quanto sangue correria.

— Não passa de um pobre tolo — disse ela, olhando de soslaio para o visconde. A sua pele, pálida, parecia absorver o luar e devolvê-lo em tons etéreos de azul-anil.

— Um pobre tolo que tem o ouvido de Sua Majestade; que é chegado do governador; que tem conseguido que as autoridades fechem os olhos a todos os excessos dos vossos negócios, madame Wei, do ópio ao tráfico de escravos. E estes são apenas os vossos negócios mais legítimos, porque tudo o resto...

Ela soprou o fumo acre para o ar perfumado e exclamou numa voz de falsa indignação:

— Vós, europeus, intitulais-vos modernos, progressistas, mas sois iguais aos confucionistas mais retrógrados que infestam as nossas províncias. As mulheres brancas olham-me, simulando desprezo, mas por dentro corroem-se da mais abjeta inveja. E vós, os tolos dos maridos, vedes-me como uma ameaça pois suplanto-vos no vosso jogo de mercenciar. Admiti, Sr. Tormenta, partilhais da opinião de que uma mulher só tem lugar no recato do lar ou no leito de um prostíbulo.

Tormenta desviou os olhos por instantes para a escuridão do jardim e depois voltou a olhar para a mulher.

— O problema, madame Wei, é que nem vós sois uma mulher, nem o que fazeis é mercenciar.

Antes de pronunciar a última palavra, já a mão de Tormenta disparava como uma víbora para o pescoço dela, os dedos fechando-se no colar de prata e puxando-o com violência. Ela só teve tempo para abrir os olhos, levar as mãos ao pescoço vazio e cambalear.

— Cão branco — gemeu, a sua voz saindo transfigurada, os olhos espantados, abertos como hóstias. No alto, Alexandrino, apercebendo-se da alteração, soltou um gemido e correu para as escadas.

Tormenta abaixou-se no exato momento em que uma flecha veio da escuridão mais distante do jardim e passou rente à sua cabeça. Mas ele ignorou o ataque e, aproveitando as pernas fletidas, saltou em frente e acertou em madame Wei na cabeça com a bengala. O golpe foi poderoso, na arte mais rematada do *kalaripayattu* que se praticava nos campos de batalha: os seus pés giraram na gravilha como uma mola, a cintura rodou noventa graus, o braço movimentou-se como um martelo para que o castão de metal atingisse em cheio o lado da cabeça da mulher manchu. Esta soltou um grito agudo e cambaleou. Um homem grande teria perdido os sentidos e dormido o resto da noite. Ela limitou-se a ficar dobrada, o rosto escondido sob o penteado desfeito. De seguida endireitando-se devagarinho, os seus olhos, como fósforos a acenderem-se, surgiram por entre as mechas negras de cabelo.

— Então vai ser *assim* — sibilou ela, mostrando um sorriso

ensanguentado. Os seus olhos ávidos procuravam o colar. Tormenta recuara e escondera-o na algibeira do paletó. A mulher iniciou uma transmutação arrepiante. Os lábios formosos de há pouco eram agora feridas abertas onde dentes pequenos, afiados e espaçados, espreitavam como ameias de um fortim. Deu um pulo para a frente, mas o detetive estava preparado e rodopiou para o lado. Quando ela passou, cambaleante, com os braços magros e desmedidamente longos a agitarem-se, Tormenta desferiu novo golpe com o bengalão, de cima para baixo, que a apanhou nos costados. Madame Wei não era mais uma mulher. Estava longe sequer de ser humana. Revelava a sua verdadeira forma, a de uma sórdida bruxa *jiangshi*. Antes que ela se recompusesse, Tormenta abraçou-lhe o pescoço por trás e girou. Duas flechas traiçoeiras cravaram-se no peito da criatura, ao invés de se cravarem nas costas do detetive, e ela cuspiu sangue, deslizando como que desfalecida para o chão.

O visconde do Cercal, cego na escuridão e imaginando que Tormenta forçava a sua preferida, deu passos hesitantes na gralhinha e gritou esbaforido:

— Madame Wei, o que se passa, onde está?

— Estou aqui, meu amor... — respondeu ela, simulando uma voz doce com a boca em sangue. E acrescentou, num lamento onde se adivinhavam lágrimas e honra injuriada: — O bruxeiro atacou-me.

Alexandrino avançou pela noite em direção à voz que o seduzia, os braços esticados, às apalpações.

— Saia já daqui, visconde! — gritou Tormenta.

— Vai pagar caro por isto, Sr. Tormenta — respondeu ele, num ensejo de coragem. — Nem o rei o salva quando eu o colocar a ferros no Forte da Barra.

Quando as mãos do visconde encontraram a criatura, procuraram-lhe o rosto na ânsia de a serenar. Talvez, nos instantes finais, Alexandrino tenha percebido que aquela pele hirta e viscosa não poderia ser a de Wei.

— Sabes de mais, tolo — murmurou a criatura e, de um só golpe, as suas unhas escuras e longas degolaram o visconde, que tombou sem

um gemido. A espessa poça de sangue que se formou era invisível na escuridão, mas o gorgolejar ouvia-se como um regato em miniatura.

Nesse exato momento, da escuridão mais afastada do jardim, onde a luz mole da Lua não chegava devido às copas das árvores, ouviram-se gritos em chino e passos apressados. Tormenta puxou do *Peacemaker* do bolso interior do paletó, apontou e disparou para o negrume. Deslizou a arma para a esquerda cerca de um palmo e disparou segunda vez. Deslizou mais um pouco e disparou uma terceira vez. Os tiros ecoaram como explosões no jardim, os clarões iluminando homens que corriam e tombavam com buracos nas testas. A estriga levantou-se sobre o cadáver do visconde, os olhos injetados, as garras tateando as flechas cravadas na seda sórdida do seu vestido em farrapos. Sem hesitar, o bruxeiro encostou o cano da arma à testa da criatura e disparou uma quarta vez. Esta foi projetada para trás e embateu de encontro a um tronco grosso de *ginkgo*. Fumo saía-lhe da cabeça tombada. Os cabelos já não eram negros, mas cinzentos como teias antigas sopradas pela brisa.

Na galeria coberta apareceram alguns curiosos, espreitando para o jardim e tentando descortinar o que se passava na escuridão. Ouviam-se gritinhos de espanto e risadas, alimentadas pelo álcool, pela noite morna e pela convicção de que os estrondos seriam fogo de artifício.

Tormenta avançou para o corpo da *jiangshi* que começava a gemer e a sacudir-se vagarosamente como se presa num poço de alcatrão. Guardou o *Colt* no bolso e puxou de um punhal cuja lâmina, de base larga, se adelgaçava num fio cortante e terminava numa ponta aguçada. Era um *pesh-kabz*, uma arma persa concebida para furar cotas de malha. Agarrou a criatura pelos cabelos e levantou-lhe a cabeça para expor o pescoço. Mas, antes de poder usar a lâmina, deteve-se para escutar algo, virando-se apenas a tempo de bloquear o golpe de uma lâmina pesada, o punhal trémulo travando o golpe mortal a centímetros da sua cabeça. Era um assassino, com uma serpente verde tatuada à volta do pescoço, e que, vestindo apenas umas calças largas de ganga preta, dava uma pirueta extravagante e voltava a atacar.

As nuvens vagarosas saíam de diante da Lua no momento em que

um dos convivas, mais prático, trouxe um candeeiro para a varanda. E de repente todos os curiosos puderam ver o que se passava. Benjamim Tormenta enfrentava um bandido armado com uma enorme espada de duas mãos. Gritos de pasmo ouviram-se pela galeria; clamou-se pela valente guarda policial; senhoras vacilaram e agitaram os leques nervosos. Dois militares tomaram a iniciativa e, puxando dos sabres, lançaram-se pelas escadas abaixo, os seus bigodes vistosos tremendo de indignação. Dois outros chinos, um com chapéu de palha largo e outro com o cabelo rapado, apareceram das sombras furtivas e ajudaram alguém a levantar-se. Todos na galeria se inclinaram para ver melhor. Parecia uma anciã, mas quando o luar lhe embateu no rosto, onde os olhos tomavam a negritude de poços, e o seu corpo disforme se revelou, desproporcionado e pardacento, brados de horror soltaram-se da varanda. A criatura parecia ferida e afastou-se, com passos oscilantes, recorrendo tanto às pernas como às mãos para avançar, em direção ao lado do porto, até desaparecer para lá do muro da propriedade.

A luta do bruxeiro contra os três adversários foi como um bailado coreografado. Uma dança letal onde aos três chinos não foi dada a mais desprezível hipótese de sobrevivência. O assassino da espada tentou matar o detetive com o golpe seguinte, de cima para baixo, mas Tormenta deu um passo ao lado e a espada passou-lhe a centímetros do corpo, cravando-se no tronco de uma árvore. O pé do bruxeiro pisou a lâmina fazendo-a fugir dos dedos do chino, ao mesmo tempo que o agarrava pela parte de trás do pescoço e lhe puxava a cabeça para baixo, em direção ao seu próprio joelho, num golpe que o *kalari-payattu* permitia nas ruas mas não na santidade do *kalari*. O nariz do homem explodiu em sangue e ele desfaleceu nos braços de Tormenta. O bruxeiro agarrou-o em peso e girou no momento em que o chino com chapéu de palha o assaltava, à traição, com um cutelo. A lâmina grosseira penetrou nas costas nuas do assassino desfalecido com um baque surdo e o detetive logo o arremessou para cima do atacante, que tombou sob o peso do companheiro que sangrava copiosamente. O terceiro adversário, a trança bailando no crânio luzidio, a mesma serpente tatuada em redor do cachaço, apontou um pequeno revólver às

costas de Tormenta. Este, parecendo já saber dessa arma e desse ataque desleal, deu uma cambalhota em direção à lâmina cravada na árvore e puxou-a, libertando-a sem esforço. O primeiro tiro do revólver não passou longe. Mas quando a cambalhota de Tormenta terminou, os seus braços já estavam puxados para o lado, e a espada de guerra, que jamais fora concebida para ser arremessada, saiu do seu agarro, girando como uma hélice, para atravessar, certa e mortal, o atacante no peito. Enquanto morria e tombava, o seu revólver disparou em vão para o alto, fazendo soltar mais gritos apavorados da galeria. O bandido do cutelo conseguiu afastar o cadáver de cima de si, ergueu-se vacilante mas, ao aperceber-se de que era o único assaltante em pé, hesitou entre atacar e fugir. O ódio que sentia por aquele branco não era tão intenso como o medo que o assaltava, como tal, virou-se e fugiu para o lado oposto. Tormenta puxou do *Peacemaker* e apontou. Vacilou. Desceu a arma um centímetro e disparou. A parte de trás do joelho do bandido explodiu e ele caiu num gemido longo e fino, o seu chapéu de palha rodando pela erva como um brinquedo de criança. O bruxeiro virou-se para o lado do porto, por onde a estriga tinha fugido, e saiu em corrida.

Os dois militares estavam espedrados na base das escadas, os sabres esquecidos nas mãos, as bocas abertas ao ar cálido da noite. O combate rápido e brutal a que haviam assistido deixara-os numa combinação de moleza e arrebatamento. Nunca haviam visto ninguém desembaraçar-se de meia dúzia de adversários com tanta desenvoltura e em condições tão adversas. O mais novo dos militares deu um toque no braço do companheiro.

— Vamos atrás dele? Quero ver como tudo isto termina. — O outro hesitou, mas acabou por acenar afirmativamente; e de seguida avançaram, como duas sombras lado a lado, atrás do bruxeiro.

Foi com dificuldade que viram Tormenta ao longe, a sua silhueta a perder-se entre os palacetes de arquitetura portuguesa que a noite tornava nebulosos. Com as botas a martelar no pavimento, os dois militares correram, ofegantes. Passaram por jardins com árvores de frutas ocidentais que cresciam, sem pressa, à sombra de igrejas e conventos antigos. Ao longe, os sinos davam o toque das almas, e do quartel da

guarnição chegava a resposta, com o retumbar difuso dos tambores e o soar dos clarins tristes. Nas ruas, cada vez mais despidas, cruzaram-se com sacerdotes apressados e oficiais vestidos à paisana, de elegância marcial, envergando grandes chapéus de feltro à mosqueteiro e casacos brancos. Mais à frente, um grupo de senhoras seguia para a igreja acompanhado por criadas taciturnas. Um mandarim honorário fazia-se transportar numa luxuosa liteira vermelha, com quatro *coolies* a carregá-lo aos ombros por meio de varais de marmeleiro seco. Os seus olhos oblíquos acompanharam a corrida dos dois militares com curiosidade.

— Perdemo-lo? — perguntou um deles. O outro não respondeu, girou sobre si próprio e olhou para as ruas escuras e quase vazias. Parecia que sim, tinham deixado fugir o bruxeiro.

O mandarim espreitou pela cortina, a sua luxuosa cabaia amarela de seda exibindo motivos florais, e esticando o braço para o lado do mercado, disse algo em cantonês que nenhum deles compreendeu. Mas os companheiros seguiram-lhe o gesto e aperceberam-se do ruído de uma alteração. Vinha precisamente dos lados do bazar. Correram para lá, os sabres batendo nas pernas e as dragonas pulando a cada passo. E quando passaram um pórtico vermelho que a noite tornava negro, foi como entrar noutro mundo, onde um formigueiro de chinas atulhava as ruas num corrupio de mercadejo e romaria, festejando o Chong Yeong, o dia sagrado em que todas as famílias iam aos cemitérios visitar e rezar junto às sepulturas dos antepassados.

O bazar era um amontoado de ruas tortuosas e estreitas, moradias baixas, coladas umas às outras, numa irregularidade que perturbava os sentidos, pelos inúmeros paus, tabuletas, roupas a secar, cordas e utensílios de toda a espécie, dispostos nas fachadas ou atravessando as ruas ao alto. Galinhas e porcos fugiram perante os militares, e o cheiro a almíscar, ópio, azeite e, sobretudo, peixe e esterco encheu-lhes as narinas. No chão, rodeado de curiosos, estava um chino, com a cabeça rapada à navalha, como ordenavam os manchus, exceto na nuca, onde o cabelo formava um rabicho que um retrós negro apertava e tornava mais longo. Os dois companheiros pararam e inclinaram-se.

O homem tinha a tatuagem de uma serpente verde ao redor do pescoço, uma faca nos dedos frouxos que ainda tremelicavam, e uma ferida no baixo-ventre por onde a vida lhe fugia. Recuaram, horrorizados. Tormenta passara por ali.

Olharam à volta e seguiram pela ruela mais iluminada. Várias pessoas corriam em sentido contrário numa fuga desordenada. Empurrados pela multidão, os militares chocaram contra as grandes peças de carne penduradas na entrada de um talho. Ao redor, sob toldos imundos, preparava-se chá e cozinhava-se em fogareiros. Vendedores ambulantes apregoavam hortaliças e belas líchias, cor de tijolo como os abrunhos, e com o delicado sabor de uvas moscatéis. Mas os sentidos dos dois jovens estavam inertes a todos os sons e cheiros, apenas os olhos procuravam febrilmente o bruxeiro.

Mais gritos à frente, um tiro ecoou pelas fachadas estreitas da ruela. Clientes em pânico escapavam de uma casa de pasto onde uma sumptuosa escadaria com espelhos dourados levava ao piso superior. Mal entraram, tropeçaram no cadáver de mais um chino tatuado. Um buraco negro no meio da testa fizera-o rebolar pelas escadarias e deixar um rasto preto de sangue. Sem hesitar, com os corações num galope fogoso nos peitos, subiram os degraus. O andar superior tinha sido esvaziado pelo alvoroço, mas uma janela estava despedaçada como se tivessem saltado por ela. Espreitaram e viram telhados que refletiam o luar com tons negros e lilases. Os seus olhares foram atraídos para o lado do porto, onde, sobre um terraço iluminado com balões e lanternas, a silhueta de um homem era confrontada por outras três. Era ele, o bruxeiro. Os militares saíram pela janela e correram, cautelosos, dividindo a sua atenção entre as telhas escorregadias e a coreografia do combate. Um bandido vestido de ganga azul tinha uma alabarda com que tentou varar Tormenta. Este desviou-se o suficiente para que a ponta lhe raspasse no paletó, agarrou o cabo da alabarda e puxou-a com força. O adversário desequilibrou-se e largou a arma. O detetive, sem girar a cabeça, aproveitou o embalo da alabarda e trespassou o homem que o atacava por detrás. Este agarrou-se ao ventre e deslizou pelo telhado, sem um murmúrio, desaparecendo na boca negra de um

beco. O chino de azul, despeitado, soltou um grito de fúria e correu para Tormenta com um punhal, mas este, girando o cabo da alabarda, recebeu-o com a ponta afiada e empalou-o. O último bandido, um brutamontes alto e corpulento, aproveitou a oportunidade e saltou sobre o bruxeiro. Foi impossível parar o seu balanço e os dois corpos rebolaram pelo telhado e desapareceram por uma claraboia num aparato de madeira e vidros a quebrar.

Os dois portugueses imobilizaram-se, certos de que ninguém sobreviveria a uma queda daquelas, mas alguns segundos depois já corriam para a claraboia despedaçada e espreitavam. Era o interior de um antro de jogo. No piso que dava para a rua, a quase dez metros da claraboia, Tormenta rebolava lentamente para o lado. Utilizara o corpo gigante do adversário como colchão. Sob a cabeça desse chino, de olhos já vítreos, uma poça de sangue aumentava como um halo para ensopar o sobrado do pátio. No piso intermédio, que era constituído apenas por uma balaustrada à volta do pátio, chinas ricos e europeus inclinavam-se para ver o espetáculo em baixo. Eram os clientes de posses que, para não se misturarem com a gentilha, tinham lugar reservado nesse piso mais elevado. Por todo o lado, cestos de palha suspensos em cordas atadas à balaustrada faziam subir e descer as paradas.

O bruxeiro tinha o paletó em pedaços, sangue escorria-lhe da testa. Cambaleou dois passos até um poste que sustentava a balaustrada e agarrou-o para se amparar. O silêncio inicial, provocado pela queda dos dois homens pela claraboia, transformava-se aos poucos num burburinho e depois numa algazarra de várias línguas onde se discutia e fazia apostas. Uma mulher descalça, vestindo apenas uma cabaia suja e calças folgadas, entrou pela porta discretamente. Os militares podiam jurar que só eles, da sua posição vantajosa no alto, a haviam visto puxar de um pequeno revólver. Ela apontou para as costas de Tormenta e ambos abriram a boca para soar o alarme, mas não foram a tempo. Um estrondo voltou a silenciar a casa de jogo e a china descalça deslizou para o chão. Tormenta segurava o seu *Colt* no meio do fumo acre da pólvora. Depois olhou para cima, diretamente para os esgares

chocados dos dois militares na claraboia, e saiu em passo cambaleante pela porta onde a mulher ainda agonizava.

O porto estava próximo. O bruxeiro atravessou a Rua da Felicidade sem se deter, o seu corpo em agonia pelos sucessivos combates. Mas a *jiangshi* não podia estar longe. Ferira-a com gravidade e, apesar de todos os facínoras que ela colocara no seu caminho, se a apanhasse nos próximos minutos, não lhe daria tempo para recuperar. Ladeada por bordéis, restaurantes, casas de jogo e antros de ópio, a Rua da Felicidade era o coração do vício em Macau. Compunha-se de casas pouco mais largas do que as próprias portas por onde se entreviam miseráveis vestíbulos com degraus esconsos. Ao longo das portas, em banquinhos de madeira, sentavam-se fêmeas maduras já retiradas das pelepas sexuais. Com os rostos largos e amarelos como cera, fumavam grossos cigarros em silêncio enquanto acompanhavam, com os olhos de pálpebras pesadas, o bruxeiro a passar. Este parecia um espectro, miserável e sangrento, saído da noite.

As meninas das casas de prazer, algumas delas pouco mais do que crianças, brincavam no meio da rua, perseguindo-se como gatas travessas e soltando gritinhos de regozijo. Algumas atravessaram-se à frente de Tormenta, com máscaras de dragões monstruosos ou génios irritados, para rugir, rindo depois das suas travessuras. Mas os olhos de aço do bruxeiro dançavam pelas fachadas e pelas janelas. A estriga acabara de passar por ali. Pelas poucas janelas iluminadas com cotos de velas viam-se altares com imagens, douradas e multicolores, de divindades da Água e do Vento.

No final da rua, vislumbrou as águas serenas do Porto Interior. A baía brilhava e, na sua extensão prateada, tremulavam luzes acanhadas de juncos e navios que, por vezes, no súbito clarão do luar, desenhavam mastreações espectrais. Na areia clara e pesada, Tormenta parou como que farejando. Havia sangue no chão; era dela. Os seus olhos focaram-se na linha escura, não muito distante, formada por barracas de adobe e palha. Carregou o *Peacemaker* com as últimas balas e caminhou para esse subúrbio onde vivia o escalão mais baixo da sociedade macaense, as famílias miseráveis de Fu-Chau, confinadas a choças ou pequenas

embarcações, juntamente com os seus cães, porcos e galinhas. O silêncio nas partes alagadiças de Sank'iu e Sá-Kóng, onde as choupanas assentavam em estacaria sobre as águas, era absoluto. Só a ondulação próxima se ouvia, espreguiçando-se no areal, emprestando à noite uma nota de tranquilidade e harmonia. No bolso de Tormenta, o colar de madame Wei emitia uma cintilação pulsante e quente. A *jiangshi* estava próxima e queria a sua pedra. Com passos lentos, Tormenta caminhou na escuridão, ignorando os primeiros casebres, como se soubesse que aquela que caçava não se ocultava neles. Parou junto da última choça, longa como um barracão e, tal como as restantes, inclinada sobre estacas miseráveis; redes de pesca suspendiam-se abandonadas nas suas paredes de adobe; o fedor a peixe empestava o ar e um fumo claro e acre escapava-se por entre a palha do telhado.

— Wei Wan — clamou o bruxeiro. — Atravessei dez mil milhas para vos caçar. E não regresso sem a vossa cabeça. Sei onde vos ocultais; enfrentai-me, bruxa. Tenho o vosso jade, porque não o vindes buscar?

Uma cortina de farrapos foi afastada, como que num convite para que o detetive entrasse, e do interior saíram colunas revoltas de fumo. Tormenta avançou, a arma na mão, os passos firmes sem sombra de hesitação. O interior da choça estava na penumbra, vultos a toda a volta cosiam-se às paredes, escuras como a peste. Pequenas tigelas, a servir de braseiros improvisados, achavam-se espalhadas pelo tabuado irregular e soltavam figuras disformes de fumo que tornavam o ar quase irrespirável. Ópio. Muito ópio.

Tormenta apontou a arma para a escuridão e murmurou:

— Sei o que pretendeis fazer com todo este ópio, estriga. Mas os vossos dias perversos chegaram ao fim e o trilho de mortes termina aqui.

A gargalhada da criatura ecoou primeiro, mas depois seguiu-se uma voz, disforme, molhada, ressoando do fundo do armazém como se a transformação da mulher se tivesse continuado a dar e agora ela fosse ainda menos humana:

— Não sois apenas vós que tendes seguido os meus negócios pela cidade, focinhando-os como um predador esfaimado. Também eu vos

seguí com os meus espões, observando-vos quando circuláveis por entre os vossos, nos bairros cristãos, distribuindo vénias e conversas comedidas; mas principalmente de noite, quando viestes até aos nossos subúrbios, perguntar, ameaçar, espancar, como qualquer branco que chega a terras que lhe são estranhas e logo se comporta como senhor de tudo. E sabeis o que descobri, Sr. Tormenta?

A *jiangshi* avançou da escuridão e a sua figura apareceu como uma monstruosidade à luz exangue, o seu corpo magro e curvado, de longos braços tombados, as mãos quase arrastando no chão. Os cabelos brancos formavam uma moldura grosseira do rosto, um rosto inumano onde olhos enormes, como ovos de pombo, miravam o bruxeiro. E disse, num sorriso escarninho:

— Descobri o vosso segredo. Descobri que não caminhais sozinho.

E a um sinal da sua mão, torcida como galhos queimados, os vultos na sala avançaram, erguendo clavas na bruma espessa e opressiva. Tormenta apontou-lhes o *Peacemaker*. Eles não se detiveram e o detetive disparou uma vez, duas vezes. Tombaram dois corpos, mas o braço da arma foi-lhe agarrado. Colocou-se em posição de defesa, os instintos de *kalari* — sempre prontos a antecipar e a neutralizar ataques repentinos — manifestaram-se num fulgor e pontapeou um homem na cabeça, rodopiou e chutou outro no estômago. O *Colt* foi-lhe arrancado da mão e desapareceu na negrura. A *jiangshi* gargalhou e deu passos pequenos e rudes na direção do combate.

— Sei o que carregais dentro de vós, bruxeiro.

Um vulto acertou com um pau no lombo do detetive. Este desequilibrou-se, a espinha a queixar-se-lhe em agonia, mas aproveitou o movimento para dar uma cambalhota para a frente e esmurrar, de baixo para cima, um dos atacantes. O som seco do queixo a partir ecoou como um chicote na choça.

Vinda do alto, uma rede de pesca, húmida e pesada, caiu sobre o bruxeiro. Antes de conseguir afastá-la, dois, três, quatro homens agarraram-se a ele e derrubaram-no. Apesar dos seus melhores esforços, Tormenta não conseguiu levantar-se. A bruxa enfiou a mão por entre a rede e encontrou o seu colar na algibeira do detetive. Suspirou quando

o agarrou com as duas mãos e, de seguida, colocou-o com delicadeza no pescoço. Sob a luz bruxuleante, a madame Wei começou a ressurgir, numa transmutação dolorosa de assistir. Ergueu-se, nas suas costas progressivamente mais direitas, os olhos amendoados surgindo, magníficos, sorrindo para o adversário tombado. Depois, aproximou o seu rosto do de Tormenta e afagou-o.

— Agora estais só, não é, bruxeiro? O ópio adormeceu-o. Mas nem sempre foi assim, nesta noite. Aquele que se esconde dentro de vós avisou-vos dos meus homens, quantos eram, de onde vinham, quando iam atacar. Ouvistes-lhes as respirações, os arcos a retesar, as armas a engatilhar, não foi, bruxeiro? Vistes o que não podíeis ver. Pressentistes o que ninguém atenderia. Seguistes o meu rasto como um cachorro fareja as ruas. E fostes aniquilando todos os que se colocaram no vosso caminho para me proteger. Adversários menores talvez julgassem que sois abençoado pelos deuses e simplesmente vos temessem por isso. Mas eu sei que não é assim. Estais corrompido, Sr. Tormenta, apenas isso; carregais um *yaoguai* dentro de vós que por vezes vos é útil; mas quase arriscaria dizer que daríeis tudo para vos verdes livre desse demónio.

Madame Wei recuperava a formosura a cada palavra. Os seus cabelos negros radiosos tombavam agora como cortinas de seda que ela apanhou e prendeu atrás da cabeça com um travessão improvisado. Só o vestido carmim de seda, em farrapos, recordava a transformação que sofrera. Depois, esticou a mão e alguém lhe colocou o *pesh-kabz* de Tormenta na mão.

— Se fôsseis menos tolo, poderíeis trabalhar às minhas ordens. A Irmandade precisa de homens que não vergam, não quebram e nunca temem. Mas vejo nos vossos olhos, Sr. Tormenta, que também não vos vendeis. Em suma, um tolo. — Esticou o punhal persa. — E, por muito que me custe eliminar um homem com os vossos talentos, o dano por vós causado à Serpente Verde foi demasiado...

Um tiro ecoou no casebre e a arma saltou da mão da mulher. O clarão do disparo iluminou vultos inconscientes tombados no chão e uma pilha de homens, de aspeto lastimoso, a prender Tormenta. Madame Wei deu um salto para trás e olhou para a porta com fúria.

Dois militares apontavam as suas armas para ela, tinham os olhos esbugalhados no rosto e não conseguiam disfarçar o medo, mas os braços que seguravam as armas não vacilavam.

— Afastai-vos, mulher. Ou o próximo tiro será para vós.

Madame Wei recuou um passo. Estava a recuperar, mas ainda não podia arriscar ser ferida.

— Matem o bruxeiro — ordenou em voz firme e desapareceu na escuridão do fundo do casebre.

Os vultos apertaram o pescoço de Tormenta, surraram-no com pauladas, tentaram furar-lhe os olhos com os dedos. Talvez o detetive tivesse sucumbido, mas os dois militares, com a ameaça dos canos das armas e alguns tiros para o alto, puseram os atacantes em fuga. Aqueles eram meros pescadores que obedeciam a Wei por medo, como qualquer cão surrado obedece a quem levante a mão. Nos seus pescoços magros e tismados pelo sol, não havia serpentes verdes.

Tormenta desenvencilhou-se da rede e cambaleou até ao fundo do barracão onde uma bambinela de trapos ocultava uma saída. O volume negro de um junco levantava a âncora e o vento enfunava as suas velas ferrugentas sob o círculo argênteo da Lua. Madame Wei escapava e Tormenta ficou hirto a ver o navio afastar-se.

O bruxeiro sabia que se voltaria a cruzar com ela. Mais tarde ou mais cedo teria de a caçar novamente, fosse em Hong-Kong ou Shangai. Ou então, ela receberia ordens da tríade para o caçar a ele, como represália pelo prejuízo causado à Irmandade da Serpente Verde em Macau. Mas naquele momento isso já não lhe importava. Todo o corpo latejava com dores e suplicava por um catre onde tombar os ossos durante algumas horas. Aos poucos, a brisa limpa e fresca da baía começou a clarear a visão e o pensamento de Benjamim Tormenta.

E então a voz do demónio despertado regressou.

FIM



O DEUS DAS MOSCAS TEM FOME

OU A HERANÇA MALDITA DO CONDE
DE CAXIAS E SEUS COMPANHEIROS



HOMENAGEM A SANDY PETERSEN
E KEITH HERBER, QUE ME DERAM AS
CHAVES PARA ENTRAR EM ARKHAM



Lisboa
1873

CAPÍTULO I

Onde uma donzela em perigo não é atendida

Naquela noite fria de novembro, havia sopros lamentosos nos céus e nuvens carregadas sobre Lisboa. O nevoeiro que galgava desde o rio em direção às ruínas do castelo tornava as ruas escuras como poços e nem a luz dos poucos candeeiros a gás vencia as sombras. Era aquela hora fatídica em que os moribundos arregalam os olhos e soltam o último bafejo de vida, em que as mulheres prenhas acordam em sobressalto certas de que perderam o bebé, em que os rafeiros ganem baixinho sob os vãos das escadas em pesadelos de cães.

Um *coupé* de caixa fechada, pintado de escuro com portinholas cremes, entrou lentamente na Travessa de M. e o cavalo estancou, obediente, perante um portão fechado. O condutor não se mexeu de imediato. Envolto num capote grosso, com a cabeça oculta por um cachecol que lhe cobria o nariz e uma cartola enterrada até aos sobrolhos, contemplou o edifício. No segundo andar uma janela deixava escapar uma luz débil. Seguidamente, virou-se para trás, na direção da cabina, como que numa interrogação. A pessoa no interior chegou-se à frente, mas não a ponto de se lhe ver o rosto; mãos nervosas, protegidas por

luvas *gris-perle* de senhora, encostaram-se ao vidro fronteiro. Também o seu olhar recaiu demoradamente sobre a janela iluminada e depois sobre o condutor. Com a determinação brusca de quem teme hesitar, acenou afirmativamente. O boleiro desceu pesadamente da carruagem e aproximou-se do portão de ferro que, se não fosse tão estreito, poderia ser o de um cemitério. Não havia número, não havia nome em lado algum, o edifício tinha um aspeto sombrio, apertado entre outros dois edifícios indistintos na escuridão da rua sem iluminação. Mas tinha de ser aquele o local. Há dois dias que o condutor o procurava. Nenhum moço de fretes, que tudo sabem, o conseguira ajudar. Nem os carteiros que conhecem cada rua, cada beco, cada buraco esconso da cidade. Apenas o seu cunhado, guarda da Polícia Civil, depois de encorajado com uma garrafa de medronho, aceitara incomodar o Comissário de Bairro e fazer a pergunta: onde residia Benjamim Tormenta, o misterioso detetive do oculto? O condutor soube que era naquela casa quando todo o corpo lhe bradou, num frémito que lhe subiu à nuca, para que não entrasse. Empurrando o portão de ferro forjado, o homem atravessou o espaço que o separava dos degraus que levavam a uma porta alta. Bateu três vezes.

O som chegou débil ao segundo piso onde uma lamparina preguiçosa projetava sombras indolentes nas paredes forradas a papel sangue de boi. Estirado numa cadeira de marroquim, com as pernas elevadas e as botas poisadas em cima de uma mesa coberta de exemplares do *Diário de Notícias* e os restos de uma refeição frugal, o bruxeiro não se mexeu. Tinha o cabelo em desalinho, solto até aos ombros, e o bigode e a barba negra, curta e mal aparada, contrastavam com os olhos vermelhos do ópio. O cachimbo apagado na mão tombada no tapete, o tronco nu, seco e musculado como um monge tibetano e todo coberto de estranhas tatuagens, resultava numa imagem extravagante, mais apropriada a um condenado do Limoeiro ou a um pirata do Ceilão, do que a um homem que, dizia-se, tinha a estima e a admiração de Sua Majestade.

Uma voz sibilou, arrastada pelo torpor do ópio:

...homenzinho, temos visitas

Como descrever esta voz que não partiu de ninguém na sala pois Tormenta estava sozinho no edifício? Esta voz que só o detetive ouvia era o seu companheiro, a sua cruz, a sua maldição. A voz milenar do demónio Lamashtu.

...vem gente

A voz era simultaneamente como o arranhar de unhas num quadro negro de ardósia, o derradeiro gorgolejar de uma criança que se afoga, o agitar de uma bolsa com trinta denários, o estalar seco do pescoço do enforcado, a gargalhada debochada da hiena.

...do portão cheira-me a boleceiro mal lavado

...com suíças ruivas e dentes podres

...sabias que os ruivos fedem tanto quanto os pretos?

...e ele está nervoso, tão nervoso que me apetece matá-lo

...devias matá-lo tu, homenzinho

...isto são lá horas de incomodar um gentil-homem

...nem mesmo um gentil-homem filho de uma grande rameira como tu

Tormenta ignorou a voz. E esta silenciou-se. Mas foi apenas a pausa que antecedeu uma inspiração ruidosa, arrastada por longos segundos, enquanto Tormenta se levantava e cambaleava até à janela. Afastou as cortinas de fazenda escura. Lá em baixo, uma carruagem estava quase oculta na noite.

...homenzinho, sabes a que cheira o carro?

Voltaram a bater três vezes no portão, desta feita com um pouco mais de insistência. O bruxeiro virou-se para chamar o fiel Ramanujan, mas depois lembrou-se de que dispensara o criado durante algumas horas.

...fede a mulher

Apanhou do chão a camisa amarrotada e enfiou-a pela cabeça, pegou na lamparina e dirigiu-se para as escadas. As sombras carregadas dançaram à sua volta como selvagens em transe. A voz acompanhou-o dentro da cabeça.

...tresanda a rata jovem com pele arrepiada

...ainda mais nervosa do que o cocheiro

...depois de o matares a ele, podes fazer o que quiseres dela
...desconfio que ninguém sabe que estão aqui
...será arraial para durar

Quando o detetive fez deslizar as trancas e abriu a portada, o condutor tinha a cartola numa mão, apertada com cerimónia contra o peito, e na outra, envolta numa luva de lã sem dedos, esticava um cartão.

— Peço perdão a Vossa Senhoria pela hora tardia, mas é uma questão de vida ou morte.

Tormenta pegou no cartão e leu a letra elegante. Não era fácil, com os olhos vermelhos e ainda enevoados. Tinha apenas um nome: «Matilde Augusta Chagas». Não lhe dizia nada. Olhou para o *coupé* e distinguiu o vulto para lá da portinhola aberta, a lamparina na sua mão iluminando as ponteiros de verniz de umas botas de duraque e os folhos negros da bainha de um vestido. Onde estava o rosto, oculto sob a sombra da cobertura do *coupé*, brilharam dois pontos luminosos, como os de um bicho acochado na floresta.

...matamos e violamos?
...violamos e matamos?
...ambas as ordens são prazerosas
...e eu sei do que falo

Como uma hiena faminta, a gargalhada desarvorada do demónio reverberou pelos ossos do bruxeiro até lhe chegar aos dedos dos pés. Mas nada na expressão do detetive o demonstrou. Num timbre que pretendia grave mas que saiu arranhado como cascalho a rebolar, respondeu ao boleiro:

— Diga a Sua Excelência para entrar.

O condutor foi ajudar a passageira a descer da carruagem. Ela aproximou-se do portão com a cabeça inclinada para baixo. Por cima do vestido de merino trazia uma elegante capa de seda com capuz. Só quando se aproximou de Tormenta, no alto dos degraus, levantou o olhar. E há muito que ele não via um rosto assim, simultaneamente tão encantador e apetecível. Um esplendor de pele branca que o frio da corrida do *coupé*, pela noite gelada, tornara ainda mais bela e macia. Os olhos grandes, de um azul metálico, sugeriam mistérios com

movimentos belos de pálpebras e longas pestanas curvas. Sob o capuz espreitava um cabelo doirado preso à pressa, aparentando ser pesado e doce. Os lábios não eram finos nem grossos, apenas perfeitos, entreabertos, emanando o calor macio das coisas vivas.

— Tenho a honra de estar a falar com o Sr. Benjamim Tormenta? — perguntou a jovem criatura.

— Ao serviço de Vossa Excelência — respondeu ele com uma vénia ligeira. Depois deu um passo cansado para o lado e convidou-a a entrar com um gesto largo.

...acha-la encantadora, homenzinho?

...toda ela esplêndida

...esse teu coração gé lido de predador acelerou

...e o dela bate desvairado como a gazela prestes a ser caçada

...talvez queira ser caçada e não é este condutor gonorreico que to vai impedir

Tormenta aceitou a capa da jovem e pendurou-a no cabide da parede. O boleiro baloiçou na entrada, indeciso, não sabendo se devia aguardar ou acompanhar a jovem. Esta olhou-o num apelo mudo para que a não deixasse. E ele assim fez, titubeando um agradecimento ao anfitrião quando entrou. Com a lamparina na mão, Tormenta guiou o pequeno grupo pelas escadas esconsas até ao segundo piso.

...com carnes rijas como gostas

...peito soberbo que o espartilho sufoca

...consigo cheirar-lhe toda a carne, até a que tem entre as pernas

...não cheira mal como as outras

...a boca do corpo lavadinha com sabão perfumado

...deve ter bidé de porcelana no quarto

...é uma jovem educada, tormenta

...repara na ponta dos dedos, toca harpa, várias horas por dia

...e os dois pingos no pulso? tinta, ela escreve, é cultivada

...sabes o que esta jovem refinada e culta quer, homenzinho?

...o mesmo que as vadias e as costureiras da baixa

...que a dobres no cadeirão com as ancas leitosas no ar

...e enquanto lhe levantas as saias com a destra, estrangulas o condutor com a sinistra

...e o porco ainda vai expelir antes de se finar

Tormenta sentiu um incómodo entre as virilhas. Era uma ereção súbita e dolorosa que o fez vacilar de surpresa no último degrau.

...ah! o mastro ergue-se

...as velas enfunam-se

...é levantar âncora, criatura

...somos piratas sôfregos pela abordagem

À surpresa de Tormenta sucedeu-se o embarço e, logo de seguida, uma fúria sanguínea. Um furor dirigido àquilo que estava dentro de si, a tentá-lo, a avivar um lado negro que lutava por sufocar.

— Faça Vossa Excelência o favor de se sentar — disse, bruscamente, quando a convidada e o condutor chegaram à sala sangue de boi. Poisou a lamparina na mesa e voltou com passos apressados para as escadas. — Não conto demorar — disse, antes de desaparecer.

O detetive desceu até ao piso inferior, seguiu pelo corredor no sentido contrário às escadas e entrou por uma porta entreaberta, fechando-a atrás de si. Acendeu com um fósforo a serpentina na parede. A luz frágil e avermelhada não conseguiu chegar aos cantos escuros do aposento. Adivinhava-se uma cama estreita de ferro com a roupa desfeita e um velho móvel de tampo em madeira sobre o qual estava esquecido um jaquetão de veludo e um pote com água dentro da bacia e todos os utensílios necessários para fazer a barba. Ao lado do móvel, ocupando grande parte de um canto escuro da divisão, uma mala de viagem em couro de Varsóvia com pregos de aço, coberta com senhas de caminhos de ferro, hotéis e paquetes. Uma mala cujas muitas milhas feitas na clausura de porões abafados ou carruagens poeirentas parecia ser suficiente para escrever toda uma enciclopédia de geografia.

Tormenta tirou a camisa de chita e atirou-a para cima da cama. Colocou-se em frente a um espelho largo, manchado pelos anos, e olhou-se nos olhos. Dois poços cinzentos raiados de vermelho. Mas não era verdadeiramente para si que olhava. Buscava algo mais fundo,

oculto nas sombras dentro do seu próprio reflexo. Também não era para si que falava quando sussurrou:

— Deixei claro quais os teus limites, cão-tinhoso. Julgas-te intocável, enterrado nas minhas entranhas, mas enganas-te. Violaste os termos num gozo que não irei tolerar... desta vez serás punido.

...cago nos teus termos

...viola e pune-a a ela que é o desejo da tua verga

...expurgavas como uma diarreia essa pose lastimável

...serás sempre um tolo que cospe na malga com que te alimento

Com os olhos fixos numa determinação implacável, Tormenta percorreu o reflexo do seu tronco nu no espelho. Acompanhou as linhas negras das tatuagens, símbolos místicos, encantamentos e letras de alfabetos esquecidos que lhe percorriam os antebraços e os bíceps, desde os pulsos até aos ombros largos.

...canalha

...filho de uma miserável marafona

...sangue da vulva de belit

...aborto que desprezo

A voz continuou a cuspir insultos numa ladainha estridente. A intenção era intimidar, mas o bruxeiro reconheceu algo mais: uns vestígios de desconforto no timbre agudo.

Os olhos do detetive focaram-se na base do pescoço onde linhas intrincadas desciam em direção ao tórax. Um círculo largo, com uma faixa no exterior da grossura de um dedo, cobria-lhe a maior parte do peito. No interior, um alfabeto milenar formava uma espiral intrincada, partindo da faixa exterior em direção a um vórtice central, como o foco de uma tempestade de segredos nefandos. Quem dedicara tantas horas a tatuar o seu corpo? Tormenta não o sabia. Um sacerdote em Goa garantira-lhe reconhecer o estilo do venerável Sathyan Marakkar. Talvez assim fosse, o bruxeiro estivera muitas vezes no Sudoeste da Índia, mas esse lendário tatuador morrera em Cananor quando o porto ainda era uma possessão portuguesa, há mais de duzentos anos.

Do lado esquerdo do círculo, um pouco mais abaixo, passando

por cima das costelas e descendo até ao ventre, exibia o desenho de uma figura humana; talvez fosse um rei assírio ou a representação ainda mais antiga de um sacerdote babilónico; fora desenhado de frente, com um braço tombado ao longo do corpo e o outro abraçando um pequeno felino simbolizando o seu imenso poder; as vestes, decoradas com franjas em camadas, tombavam, pesadas, até às sandálias. A figura tinha dez pequenos pontos vermelhos espalhados num padrão indecifrável. Do lado direito do mesmo círculo largo, tatuada de perfil, exibia uma figura de sexo indefinido, de vagas emanações egípcias, a cabeça tornada uma monstruosidade felina e, sob a túnica alva, uns pés de ave de rapina. Sathyan Marakkar dificilmente poderia ter feito tatuagens de inspiração egípcia ou mesopotâmica. Significava que vários tatuadores haviam trabalhado no seu corpo? Tudo indicava que sim, os traços eram razoavelmente distintos, e as tintas negras variavam entre o ébano e um azul-escuro, quase negro. Durante muitos anos o bruxeiro vira as tatuagens como uma profanação na sua pele para lhe recordar, em cada momento, do demónio que profanava a sua alma. Havia sido tempos de pesadelo em que errara pelo mundo como um condenado. Mas agora sabia que não era assim. Naquelas figuras de tinta escondiam-se instruções para lidar com o que tinha dentro de si; uma espécie de manual, num código misterioso, cuja descodificação se tornara o propósito da sua vida. Quando conseguisse ler cada um dos segredos que carregava na pele, talvez ficasse livre daquele que se escondia dentro de si: esse companheiro, pesada cruz, crua maldição. O seu amaldiçoado demónio de estimação.

Tormenta abriu a gaveta do aparador, afastou uns lenços e retirou um porta-agulhas em osso que se assemelhava a uma pequena flauta. Abriu-o e espalhou as agulhas em cima do móvel.

...homenzinho ridículo

...boçal grotesco

...que te dou de comer aos asakku

...para que queres isso?

A voz ciciava com urgência.

— Não estranhaste, serpente, antes de termos embarcado para

Goa, tantas vezes teres sido embalada no suave torpor do ópio? — disse Tormenta, levantando uma agulha longa e fina à altura dos olhos. — Passei dias e noites em Mafra, curvado à luz de velas, a consultar livros proibidos. E encontrei, no Testamento de Ibn-al-Nafis, umas passagens sedutoras sobre o uso de agulhas como estas. Não foi fácil trabalhar tantos dias seguidos sob o efeito dos narcóticos, sem dormir ou comer, mas beneficiei da assistência de um velho amigo no convento, um frade que não olhou às minhas excentricidades ou às velas que consumi.

Ouviu-se uma gargalhada roufenha e molhada, como se sangue lhe tivesse chegado em golfadas à boca.

...um amigo, sublime palerma?

...tu não tens aliados, homenzinho

...és como o canhão solto no convés que baloiça

...para ti não há amigos que te considerem

...nem amigas que te comam

...ou bichos que se aproximem

...até os rafeiros ganem quando passas

Tormenta permaneceu imperturbável.

— A tua voz perversa só conhece mentiras e corrupção. A jura que te fiz permanece de pé: vou descobrir como te expulsar de mim. E se tiver de morrer a tentá-lo... pois morrerei feliz ao te arrastar comigo para o oblívio.

(...silêncio...)

Com a mão firme, encostou a agulha a um ponto vermelho no centro da testa da figura mesopotâmica, aproximadamente a meia distância entre a cabeleira frisada e as barbas espessas e longas.

— «Tenho o *Centrum Naturae* dentro de mim» — recitou Tormenta de memória. — «Se fizer de mim um anjo, serei um anjo. Se fizer de mim um demónio, serei também um demónio.» — Espetou a agulha na carne.

No início nada sentiu, apenas a picada leve e localizada da agulha. Mas logo começou a aperceber-se de um formigueiro que alastrou pelo peito e lhe subiu até às faces numa vaga de calor morno.

Pegou em outra agulha e aproximou-a da tatuagem de uma mão aberta mesmo por cima do seu coração. À luz morna da serpentina, viu gotas de suor a escorrerem-lhe pelo peito. Espetou a segunda agulha num ponto vermelho localizado no dedo indicador junto da base do metacarpo. Num relâmpago, o calor morno transformou-se em agonia.

Um clamor explodiu-lhe dentro da cabeça, obrigando o detetive a agarrar-se ao aparador. Era impossível que mais ninguém tivesse escutado aquele grito medonho... As aves da cidade deviam estar em debandada pelos céus, os cães a ganir assustados, os guardas a correr em alvoroço pelas ruas. Mas não. Nada. Na Travessa de M. imperava o silêncio que nem o nevoeiro noturno, fantasmagórico e infeliz, quebrava com quaisquer sons arrastados de longe. Era como se Lisboa estivesse vazia ou todos se encolhessem sob as mantas das camas.

Fora a criatura dentro de si que gritara. Poucos segundos depois, a voz surgiu sumida:

**...pensas que estás farto de mim, tormenta
...eu sou lamashthu, sou dimme, sou kamadme, sou lilith
...tenho sete nomes
...nasci das entranhas de anu
...atemorizei todas as gerações de mulheres que pariram
...leveí as suas crias quando mamavam pela primeira vez para
lhés beber o sangue e roer os ossos
...desafiei pazuzu
...vi erguerem-se ur, adabe, akshak e possuí etana de quis
quando as uniu
...tomei sumérios e até sargão da acácia, o soberano dos
quatro cantos da terra
...devorei bois, porcos e cabras à sombra das cidades-templo da
babilónia
...verti sangue de cassitas e elamitas e judeus e tornei
incestuosos os faraós
...entrei em jerusalém aos ombros de conquistadores e vi o
primeiro reino da cidade sagrada a desmoronar**

...possuí califas que abusaram de cada mulher do serralho para meu prazer

...leveí poetas e filósofos a escreverem tudo o que era proibido

...tornei mais porcas as meretrizes

...mais cruéis os assassinos

...encorajei suicidas e velhos que molestam crianças

...tirei tanto prazer em humilhar servos boçais como doges venezianos

...olhei pelos olhos de Luís quando a guilhotina lhe fez rebolar a cabeça

...corrompi o sagrado com capelões, padres, curas, vigários, bispos, cardeais e todos os papas que quis

...e não foi difícil pois todos pecaram com prazer

...foi um doce passar de eras que a tua mente bruta jamais compreenderá

...não és tu que estás saturado de mim, homenzinho insignificante, saco de pele cheio de sangue e entranhas

...sou eu que estou saturado de estar aqui

...dentro de ti

...sem poder abalar

...não suportando mais ouvir as tuas tripas a digerir com esforço as carnes e couves que ingeres

Quando a voz se calou, como que exausta, Benjamim Tormenta hesitou. O caudal de informação deixara-o abalado. Verdades, mentiras, nunca saberia. E quando um respirar roufenho lhe disse que o demónio ia voltar a falar, espetou a terceira agulha.

O bruxeiro já fora maltratado mais vezes do que conseguia lembrar-se, esfaqueado em muitas rixas e até baleado. Apanhara malária na África negra, onde dores de cabeça de endoidecer o atiraram para um coma misericordioso. Sofrera de dengue nas Antilhas e arrastara-se pelo mato deixando um rasto de sangue... mas nada se comparava com o que sentia neste momento. Caiu de joelhos, cravou as unhas no sobrado e não conseguiu segurar um gemido. Era como se o seu cérebro tivesse crescido para o dobro do volume e ameaçasse estalar o crânio;

pulsares de luz vermelha atingiam-lhe os globos oculares sem piedade, apertando-os até ao tamanho de pequenas pérolas; simultaneamente, era como se as garras de um felino gigante lhe rasgassem o ventre e arrancassem as vísceras para fora. O seu corpo suava profusamente e a respiração era um arfar curto e sofrido. Encostou a testa ao chão e começou a rir-se. Toda a dor valia a pena pois Lamashtu sentia-a com mais intensidade. No Testamento de Ibn-al-Nafis descobrira um ponto fraco na besta; a partir daquele momento, nada mais seria igual. E com esse pensamento doce, a sua mente começou a apagar-se. Lembrou-se da jovem que deixara na salinha à sua espera. Era uma bela jovem. Desejável. Tivera uma ereção súbita. Tinha sido sua ou da serpente? Antes de os seus olhos se fecharem, no túnel negro e cada vez mais estreito em que a sua visão se transformara, viu um vulto que entrava pela porta. Depois caiu na inconsciência.

Era Adama Ramanujan, que deu três passos urgentes e se ajoelhou junto de Benjamim Tormenta. Agarrou-lhe o rosto e levantou-lhe as pálpebras pesadas. Os olhos estavam límpidos, não era o ópio que o prostrava assim, quebrado e encharcado de suor. Agarrou o detetive por baixo dos braços, levantou-o e deitou-o na cama.

Tormenta remexeu-se no colchão e reconheceu o seu criado de confiança.

— Consegui feri-lo, Raj — sussurrou num sorriso macilento e doloroso. — Quase morri, mas consegui que se calasse. Continua cá dentro, mas calado.

(...silêncio...)

A serpentina lançava um tom dantesco ao rosto de Tormenta, ao vulto encolhido do seu corpo, às almofadas e aos lençóis amarfanhados, mas imaculadamente limpos, de que Ramanujan cuidava pessoalmente.

O criado tapou-o com a manta.

— Repouse, *sahib*. Está tudo bem.

Se mais alguém estivesse no aposento, identificaria na voz do criado indiano a ternura e a serenidade que os pais afetam quando acontecem os filhos na cama depois de um pesadelo. Ramanujan faria

tudo por Tormenta. A dívida que tinha para com ele jamais poderia ser paga numa única vida. Por isso era fiel como um irmão, extremoso como uma mãe, numa vigilância de rafeiro dedicado e atento. O seu olhar percorreu o aparador atulhado e descobriu as agulhas tombadas. O espelho torto devolveu-lhe o seu olhar sombrio e preocupado. Depois ouviu um grito vindo de cima.

* * *